

*Lições
de
Magia
e
Desastre*

Amostra



**Obras da autora publicadas
pela Morro Branco:**

Todos os Pássaros no Céu

Outras obras da autora:

The City in the Middle of the Night

Even Greater Mistakes

Six Months, Three Days, Five Others

*Never Say You Can't Survive:
How to Get Through Hard Times by
Making Up Stories*

Série Unstoppable

Victories Greater Than Death

Dreams Bigger Than Heartbreak

Promises Stronger Than Darkness

LIÇÕES DE MAGIA E DESASTRE

Charlie Jane Anders

Tradução: Wendy Valente



Lições de Magia e Desastre

Copyright © 2026 MORRO BRANCO

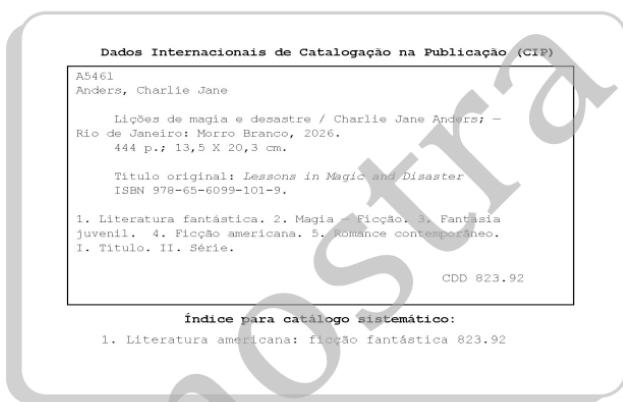
MORRO BRANCO é uma editora do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2025 Charlie Jane Anders

ISBN: 978-65-6099-101-9

Translated from original Lessons in Magic and Disaster © 2025 by Charlie Jane Anders. ISBN 978-12-5086-732-2. All rights reserved. Published by arrangement with Tom Doherty Associates/Tor Publishing Group. PORTUGUESE language edition published by Morro Branco, Copyright © 2026 by STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.



Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra foi formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutüs

Coordenadora Editorial: Illysabelle Trajano

Produtora da Obra: Beatriz de Assis

Tradução: Wendy Valente

Copidesque: Carol Colifield

Revisão: Louise Branquinho



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvíndia: ouvidoria@altabooks.com.br

Editora
afilada à:



aladir
ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA
DE EDITORES

ABE
ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA
DE EDITORES

Para as famílias que nos formaram e as famílias que formamos.



Amostra

Amostra



1

A vida de um eremita pode parecer a coisa mais agradável do mundo —até que se precise de uma boa xícara de café.

— *Emily: Uma história de paragões e salvação*, por
Uma Dama, Livro 1, Capítulo 1

Jamie nunca soube o que dizer à mãe. E agora — quando isso importa mais do que nunca, quando está em uma missão de resgate — ela sabe menos ainda. O que diabos estava pensando?

De algum modo, Jamie imaginara que simplesmente marcharia até a porta vermelho-vivo da casinha da mãe. Bateria, e então proclamaria:

— Escute, mãe, sou uma bruxa, e estou aqui para lhe ensinar a fazer magia.

Como se fosse possível dizer isso para a mãe, depois de anos quase sem se falar.

Então Jamie fica parada, imóvel. Em vez disso, tenta organizar os pensamentos e encara a antiga escola de uma única sala onde sua

mãe, Serena, vem se escondendo do mundo há seis anos e meio, desde que sua vida desmoronou.

A escola é uma caixa coberta de tinta vermelha descascada, de quatro metros e meio por quatro metros e meio, do tamanho certo para ensinar meia dúzia de crianças. Um estreito caminho de cascalho contorna um jardim onde amores-perfeitos, cenouras, manjericão e coentro se agitam em canteiros bem cuidados, como torcedores incentivando um time que já perdeu o campeonato. Ao longe, depois de uma fileira de árvores e um gramado inclinado, Jamie consegue ver a construção em falso estilo colonial dos Fordham, que deixam sua mãe morar ali sem pagar aluguel em troca de diversos favores. O ar, carregado de poeira no vento do fim de agosto, mistura-se à fumaça das primeiras folhas queimadas da estação, transformando o mundo em uma lareira.

Jamie respira fundo e encontra seu equilíbrio. *Hora de agir como uma bruxa*, diz a si mesma.

Ou seja: *colocar tudo em jogo, sem controle sobre o resultado*.

Ela caminha até a porta da frente — sem aberturas — e bate. Lá dentro, ouve passos cambaleantes que parecem durar uma eternidade. A porta se abre preguiçosamente, e a mãe de Jamie pisca diante da visita inesperada. Serena está prestes a dizer alguma gentileza.

Acontece que Jamie não pronuncia as palavras “bruxa” nem “magia”.

Não apenas pelo quanto ridículas soariam. Na verdade, Jamie está convencida de que a energia mística, ou seja lá que força lhe concede favores, não gosta de ser mencionada tão abertamente.

Mesmo assim, Jamie fala antes de perder o momento:

— Mãe, tenho algo importante para lhe mostrar. Não posso explicar, mas sei de um grande segredo. E acho que você precisa saber sobre ele.



Visitar Serena não foi exatamente uma decisão consciente.

Algumas horas antes, Jamie estava sentada em um café perto da Central Square, preparando o plano de aulas para sua turma de redação do primeiro ano, e se pegou pensando obsessivamente na mãe.

Quando Jamie estava crescendo, Serena costumava andar pelos cômodos a passos firmes e dizer verdades a quem preferia não ouvi-las, voltando para casa uma hora antes do horário de dormir de Jamie, carregada de palavrões, como a massa de nuvens que anuncia uma tempestade prestes a chegar — mas agora lá estava ela, definhando em uma caixa insossa em um subúrbio qualquer. Jamie nunca a visitava, mas de vez em quando as duas tinham a mesma conversa agradavelmente morna por telefone.

De repente, com um choque amargo, Jamie se deu conta de que a mãe morreria: talvez em dois anos, talvez em vinte. E, quando isso acontecesse, Jamie faria todo aquele aparato de funeral que se espera que se faça, passaria por alguma terapia e talvez colocasse a foto de Serena em algum lugar na escrivaninha — mas não teria um relacionamento vivo para lamentar. Não como da última vez.

Em um instante, aquela situação se tornou insuportável. Jamie saltou da cadeira e saiu às pressas, deixando para trás metade de um scone e quase todo o café.

Talvez o lado ruim de ser uma bruxa seja ter consciência demais dos próprios sentimentos. Passa-se tanto tempo tentando descer ao fundo da própria lagoa emocional para pescar um *desejo* genuíno, que se perde a capacidade de esconder de si os próprios sentimentos. Isso é absurdamente terapêutico, e acabou estragando, para Jamie, o teatro jacobino e a poesia romântica.

Sempre que Jamie sente uma emoção intensa, ela é a primeira a saber, algo que não costumava acontecer. E, na maior parte do tempo, Jamie é obrigada a agir.



— Quer entrar? — pergunta Serena, recuando com passos arrastados.

Jamie não consegue evitar a sensação de ser uma gigante, pairando sobre a mãe com sua jaqueta de couro sintético e as botas largas de trilha.

O ar ali dentro cheira a cedro, mesclado com um toque de bolor que faz cócegas no nariz de Jamie. Dois cantos daquele cômodo minúsculo nunca recebem luz suficiente, nem do sol nem da única lâmpada no teto. Uma estrutura de cama de metal sustenta um colchão de futon e um edredom, perto de uma escrivaninha e de uma cômoda com uma única haste para pendurar o que precisa ser pendurado. Jamie se senta a uma mesa dobrável no centro do quarto, balançando a perna esquerda — porque, agora que está ali, mal pode esperar para começar.

Lá vamos nós.

Jamie não consegue desembaraçar os sentimentos ao encarar o rosto branco e ossudo de Serena: olhos cinzentos mais fundos do que ela lembrava, cabelos castanhos com uma aparência metálica.

Ali, em um corpo frágil, está a pessoa que abraçava Jamie até que os pesadelos fossem embora; que lhe ensinara a amarrar os cadarços, a patinar e a dançar; que, uma vez, a acusou de roubar; que se agachava diante da pequena Jamie e dizia: *Você sempre será amada, não existe erro tão grande que a faça deixar de ser amada;* que incutira nela uma paranoíta profunda sobre o mundo, ainda capaz de agarrá-la sempre que tenta ser generosa; que levava Jamie

para casa quando os valentões a perseguiam. Jamie estava pronta para entrar como um furacão e arrastar Serena para fora daquela prisão psíquica, mas agora uma parte dela regride à infância, balançando as pernas debaixo da mesa.

Mas a Jamie adulta não consegue evitar pensar no clichê da literatura do século XVIII em que adultos encontram as próprias mães pela primeira vez e não as reconhecem. Isso chega a ser bastante perturbador em *Tom Jones*, de Fielding, e em *Moll Flanders*, de Defoe, e a noção de “mãe como estranha” revela-se fascinante em uma época em que as ideias sobre o papel das mulheres no espaço doméstico estavam mudando.

Argh.

O cérebro de Jamie não para de trabalhar, por mais que ela queira estar presente.

— Que segredo é esse que você quer me contar? — pergunta Serena, indo até o pequeno balcão da cozinha e servindo café. — Por que aparecer do nada assim? Está tudo bem?

De algum modo, Jamie havia esquecido do hábito de Serena de lançar perguntas como bombas com o pavio aceso. Como é possível que ternura e irritação se encaixem tão bem, como mão e luva?

— Preciso lhe *mostrar*. Não dá para explicar. Digamos apenas que é algo que pode virar a sua vida de cabeça para baixo, ou talvez apenas de lado. Quer ver ou não?

Serena para, com o café na mão. Vira instintivamente a cabeça, como se fosse perguntar a Mae o que ela acha.

Mas, claro, há muito tempo Mae não está disponível para responder a nada.

Então ela volta a cabeça para a única pessoa viva e presente.

— Claro. Sim.

Jamie toma um gole do amargo café de chicória e afasta a caneca lascada.

— Certo. Vamos lá.
— Para onde estamos indo?

— Pensei que podíamos começar pela floresta nos fundos.

Serena passa os dedos pelas roupas no cabideiro e tira de lá um magnífico casaco azul em estilo marinheiro, com uma flor seca amassada presa a uma das lapelas.



A floresta parecia uma caminhada fácil a partir da escola, mas está mais distante do que Jamie imaginava. O vento fica mais frio e Serena continua resmungando, a ponto de Jamie se perguntar quando foi a última vez que sua mãe saiu da escola por um período mais longo. Jamie não tem exatamente um plano — talvez ter um plano seja um obstáculo para o tipo de coisa que ela espera fazer.

Já na floresta, Jamie examina em todas as direções. Uma lata de refrigerante brilha em vermelho-maçã-do-amor sob o marrom-avermelhado das folhas secas. Estão perto, ela consegue perceber.

— O que estamos procurando? — pergunta Serena, soando mais curiosa do que impaciente.

— Difícil de descrever. É uma daquelas coisas que você “sabe quando vê”. — Jamie está discretamente apavorada com a possibilidade de que falar em voz alta sobre magia possa arruiná-la para sempre e, então, o que ela faria? Ainda assim, propôs-se a ensinar à mãe, e pedagogia é sempre, ao menos em parte, oferecer um arcabouço conceitual. — Foram muitas tentativas e muitos erros — diz, escolhendo as palavras com cuidado. — Lá em Wardmont.

— Quando você estava no oitavo ano?

— Do oitavo ao décimo. — Jamie assente. — Eu costumava fugir sozinha e ir para os labirintos. Descobri que só funcionava em certos pontos.

Há uma trilha quase imperceptível entre bétulas com troncos descascados e alguns pinheiros carrancudos.

— É por isso que você costumava desaparecer? — pergunta Serena, passando com cautela por cima de uma raiz bojuda de árvore. — Nunca descobrimos o motivo e, bem, não podíamos simplesmente perguntar, imagino.

Essa terra pertenceu um dia à Nação Nipmuc, mas eles foram forçados a se mudar no século XVII, e toda a área foi formalmente cedida a colonos brancos por meio da Lei de Concessão de Cidadania aos Índios de Massachusetts, de 1869, cujo nome é enganoso. As florestas foram quase totalmente destruídas por madeireiros no final do século XIX e, depois, cresceram lentamente de novo. Pessoas já caçaram, colheram, brincaram e se esconderam entre esses troncos, mas elas também permaneceram desertas por anos a fio.

Portanto, deveria ser o lugar ideal, mas Jamie parece incapaz de encontrar o ponto certo enquanto caminham. É preciso um local que esteja a meio caminho: nem selvagem nem domesticado, nem ocupado nem desocupado.

Quando era adolescente, Jamie encontrou uma horta comunitária que havia sido tomada pelo mato: plantas crescendo descontroladas, coelhos devorando tudo, insetos por toda parte nos gravetos estilhaçados que antes sustentavam videiras ou mudas. Aquela horta era o melhor caldeirão mágico com que uma garota poderia sonhar. Aquelas fileiras certinhas cobertas por um verde bagunçado renderam a Jamie seu primeiro violão, o primeiro boquete que ela fez na vida, seu primeiro beijo — que aconteceu bem depois do primeiro boquete — e sua passagem para o melhor acampamento de música do estado.

— Você era uma criança estranha, sempre correndo para algum lugar, inventando seus próprios jogos — diz Serena. — Lembra-se de quando tentou me dar uma bolota de sabedoria perfeita?

Jamie dá de ombros; ela não se lembra disso.

As florestas não se estendem para sempre, não mais, sempre há um loteamento, uma armadilha de caça, uma clareira ou uma estrada de terra. As pessoas recortaram tanto esses bosques que criaram uma quantidade incalculável de novos lugares mágicos.

Ainda sem sorte, mas Jamie continua avançando.

— Se a gente se perder na área sem sinal de celular, pretendo ser bastante passivo-agressiva — adverte a mãe de Jamie.

— Ainda não estamos perdidas. Estou trabalhando nisso.

Serena começa a citar alguma pomposidade de Thoreau sobre se perder na floresta — como se ficar perdido ali fosse intrinsecamente melhor do que em uma loja da IKEA de subúrbio. Todo o conceito de “se perder” implica que, em algum momento, estamos de fato orientados, o que contraria tudo o que Jamie já soube sobre as pessoas.

Jamie o encontra: um lugar intermediário. Um ponto onde alguém tentou construir um galpão, ou uma cabana, ou algum tipo de quiosque, mas a madeira apodreceu e alguns pregos enferrujados jazem abertos no solo de turfa. Tudo cheira a folhas mortas.

— Ah, é perfeito — diz Jamie à mãe. — É grande, mas está totalmente desfeito.

O que Jamie não consegue explicar em voz alta — por medo de estragar aquelas ótimas condições — é que aquele é um ponto onde pessoas tentaram impor sua vontade à floresta, mas fracassaram ou desistiram. Um lugar entre o cultivado e o construído, onde alguém cuidou das coisas, por um tempo. Um lugar negligenciado, como Jamie o chama.

O ponto ideal para fazer um pouco de magia.

— Então o encontramos — comenta Serena no tom de paciente objetividade (aquele que costumava usar quando Jamie era criança e, às vezes, inventava histórias estranhas para explicar a bagunça que fazia). — E agora, o que fazemos?

— Só observe.

Jamie teve todo o trajeto até a antiga escola para pensar no feitiço que poderia fazer diante da mãe e, felizmente, já tinha o item perfeito na mochila. Ela tira um envelope de papel cartão branco-fosco com o brasão da faculdade Rugby em um dos cantos. Dentro, uma carta explica que, devido a mudanças no fundo patrimonial da faculdade, a bolsa de estudos de Jamie como pós-graduanda será reduzida em cinco mil dólares — deixando-a à mercê da fome ou de contrair mais dívidas. (A faculdade desperdiçou uma pequena fortuna na iniciativa *Texto Quantificado*, usando algoritmos para identificar padrões em obras clássicas de ficção, de modo que ninguém precise realmente lê-las. Um desastre total e, agora, estão apertando os cintos.)

Ela deposita a carta de redução da bolsa (“Lamentamos informar que...”) no centro da estrutura em ruínas. Por cima, coloca alguns dentes-de-leão que colheu: um bom símbolo de abundância. Em seguida, acrescenta uma oferenda — um coração bovino que comprou no açougue. *Espero que você goste de corações grandes.*

Serena espreita por cima do ombro de Jamie, intrigada.

Explicar um ritual é pior do que explicar uma piada — dá coceira na pele de Jamie. Mas ela precisa tentar.

— Não se trata de poder. De jeito nenhum. Trata-se de saber o que você realmente quer, lá no fundo de seu maldito coração, e colocar seus desejos no mundo de um modo que possa ser ouvido.

— Ouvido por quem? — pergunta Serena.

Jamie apenas dá de ombros.

— E agora? — questiona sua mãe.

— Agora, a gente esquece que fez isso e volta. Eu sei o caminho até a escola daqui.

Pelo menos, Jamie tem quase certeza de que vai conseguir se “des-perder”.

— Então, isso faz você se sentir melhor? — indaga Serena.
— Ou realmente acha que tem um impacto material? Era para eu ter sentido alguma coisa? Na minha idade, já me acostumei a ignorar minhas próprias sensações para não virar hipocondríaca. Como você sabe se conseguiu algo? Com que frequência faz esse tipo de coisa?

Perguntas, perguntas, perguntas, vindo rápido demais para Jamie responder a qualquer uma.

Se Mae estivesse ali, diria: *Pare de metralhar nossa filha de perguntas* — mas, claro, se Mae estivesse ali, tudo seria diferente.

Jamie para e gira sobre os calcanhares para encarar a mãe.

— Veja, eu realmente não consigo explicar. Não do jeito certo. Talvez, daqui a alguns dias, aconteça alguma coisa, por exemplo, que a secretária do departamento me diga que encontrou algum dinheiro para mim num fundo de pesquisa, ou que mudem de ideia quanto ao corte. A ajuda nunca vem da forma que a gente espera, e é melhor não ser muito prescritivo. Mas já falei demais. Isso só funciona se você não pensar demais a respeito, muito menos falar disso em voz alta. — Mas Jamie continua vendo, na sua mente, a minúscula escola.

— O exercício na floresta que pode ser falado não é um exercício na floresta? — provoca sua mãe, revirando os olhos de leve.

— Você está meio certa. — Jamie se vira e continua andando.
— Tem mais que um leve elemento de Dao nessa prática, mas também está muito ancorada em desejo, vontade, anseio, ego. É justamente por isso que eu queria lhe ensinar: você precisa se permitir voltar a querer coisas.

— E quem disse que eu não quero nada? — retruca Serena, com uma tensão tão forte que parece um estalo de eletricidade estática na nuca de Jamie. — E o que tem de tão bom em querer coisas?

Jamie não consegue encontrar um jeito de dizer o óbvio: Serena está desmotivada desde que se enfiou na própria caixa para se esconder, e isso parte o coração de qualquer um que se lembre de como ela costumava ser cheia de vida.

A floresta escurece. Os passos de Serena ficam mais pesados. Jamie decide mudar de tática.

— Não se trata apenas de metas ou coisa parecida e sim de autoconhecimento. Uma pessoa não pode realmente saber quem é se não souber o que quer. É grande parte do motivo pelo qual faço isso: consigo ler os bilhetes de resgate que o meu próprio coração deixa para mim.

— Mas ficar obcecada com tudo o que você deseja não acaba levando só à amargura? — pergunta Serena.

— Não, não, não. — Jamie percebe que a própria voz subiu e a força para baixo. — Não, de jeito nenhum. Essa é a outra parte, entende? Você coloca seus desejos no mundo e, aí, consegue soltá-los um pouquinho. Nunca sei se vai sair algo disso, mas percebo que consigo me fixar menos em algo depois que faço uma oferenda.

Serena fica um tempo sem falar. Jamie vislumbra a mansão dos Fordham através das árvores.

— Então, com que frequência você faz... isso? — questiona Serena, quando já estão de volta à escola.

— De vez em quando — responde Jamie. — Só encontrar o lugar certo já costuma levar uma eternidade. E eu também preciso entrar no estado mental adequado.

— Hmm. E você precisa encontrar um lugar novo toda vez?

— Nem sempre. Mas, depois que perturbo um local, ele já não é tão intocado quanto antes. Então, normalmente, não posso voltar ao mesmo ponto com muita frequência.

A mãe de Jamie está sendo perspicaz, evitando qualquer pergunta constrangedora que possa se desviar demais e acabar exigindo uma Explicação. Além disso, ou não lhe ocorreu pensar que a filha é delirante, ou está dando a Jamie o benefício da dúvida. (*Por que dizemos “benefício da dúvida”? Por que não “benefício da crença”?*)

Serena insiste em preparar o jantar antes que Jamie volte de carro para a cidade, então manda uma mensagem para a parceira, Ro, avisando que vai chegar tarde. Faz anos que não come a comida da mãe, e, claro, comida é basicamente nostalgia pura em forma química. Logo, Serena está improvisando suas versões saudáveis da *comfort food* típica do Meio-Oeste, com coalhada de queijo e linguiça vegetariana.

Jamie continua esperando que Mae apareça pela porta da frente, tirando uma jaqueta bomber enorme com um sorriso no rosto arredondado e cheio de marcas, sob uma franja tingida de vermelho-henna.

Quando Jamie está limpando a mesa e se preparando para ir embora, Serena a encara e diz:

— Obrigada por me mostrar. Acho que já me perguntei sobre isso por muito tempo.

E é só isso.

Ela sempre soube de alguma coisa, e agora sabe de algo mais.



2

O luto, expresso com nobreza em pequenas doses, pode ser o sinal mais seguro de uma sensibilidade refinada. No entanto, o excesso de luto logo parece perverso e egoísta, e ninguém o tolerará por muito tempo.

— *Emily: Uma história de paragões e salvação*, por
Uma Dama, Livro 1, Capítulo 7

Jamie vive prometendo a si mesma que vai voltar para ver como a mãe está, para saber se Serena conseguiu tirar algo da lição na floresta. *Daqui a alguns dias eu desço até a escola*, repete de vez em quando. Assim, poderão dar outra caminhada e fazer outro trabalho, e Jamie poderá dar a Serena algumas dicas indiretas. Provavelmente, Jamie terá de conduzir a mãe por esse processo mais algumas vezes antes que tudo se encaixe. Mas, enquanto isso, ela tem uma dissertação sobre literatura do século XVIII para terminar, e a professora Zhang vive cobrando um capítulo, e magia, de fato, *não pode* escrever a tese por ela.

(Embora, por outro lado, o departamento tenha conseguido verba suficiente para restituir o valor integral da bolsa de Jamie e dos outros doutorandos. Como sempre, ela tenta não se perguntar se o feitiço teve algo a ver com esse golpe de sorte, porque pensar demais estragaria tudo.)

Todas as manhãs, Jamie se deleita com a abundância de um dia inteiro à sua frente — doze horas para escrever frases épicas e realizar grandes feitos — e, quando se dá conta, já é noite e não fez nenhum progresso. De algum modo, um mês e meio se passa sem que Jamie nem sequer chegue perto da escola.

Um dia, uma dor aguda atinge Jamie bem no peito, mais como um impacto do que uma pontada, enquanto ela sobe a escada que sai do porão da Biblioteca Banner. (Ela tem um pequeno escritório improvisado no Mercado dos Duendes, o labirinto de antigos depósitos transformados em salas lá embaixo.) Ela cambaleia, quase deslizando escada abaixo.

Como se sua mente tivesse estado trabalhando no problema em segundo plano, Jamie de repente sabe o que deveria ter dito a Serena na floresta: *'Lembra-se de quando eu tinha treze ou quatorze anos e fui para a escola Mercy, onde sofria uma concussão leve a cada duas semanas? Eu costumava vagar por horas, inventando jogos de imaginação no pátio ferroviário, no jardim abandonado e no shopping antigo. Eu procurava por algo, sem nem saber o quê. E então encontrei, e fiquei livre, e ninguém podia me prender mais. Depois que conquistei minha liberdade, pude abrir espaço dentro de mim para querer outras coisas, e quanto mais eu corria atrás do que queria, mais entendia o que havia por trás delas. Até que eu passei a ter uma vida, uma identidade e algumas das coisas que tinha desejado tanto na adolescência, e acabei ficando ocupada demais ou séria demais para querer qualquer outra coisa, além de segurança e conforto. Virei adulta, de certo modo. Mas, quando me lembro de cobiçar, e volto aos tipos de lugares onde eu*

desejava coisas inalcançáveis quando era criança, então... alguma coisa acontece. Posso tornar minha vida um pouco melhor. A vida de outras pessoas também. Posso despertar meu próprio coração."

É perfeito, e ela só espera não ser tarde demais para dizer isso à mãe.



Nesta época do ano, o outono se aproxima de mansinho e, de repente, dá um tapa na sua cara. Num minuto, o dia está enevoado e claro, e sua clavícula coça com o suor preso sob a camisa; no minuto seguinte — *bam!*! — o céu escurece cedo, uma névoa fria enche o ar e tudo parece pesado de arrependimento... ou apenas úmido. Cinco camadas de lã protegem os braços e pernas longos e esguios de Jamie; ela anda sentindo frio ultimamente. Seu cabelo castanho desgrenhado, precisando de um corte e de um retoque na cor, forma uma rede para os flocos de neve. Ela parte para a cabana fofo da mãe no meio do dia, mas, ao chegar, o céu já está acinzentado.

Ao se aproximar da antiga escola, percebe que algo está errado. A porta está trancada, mas uma fenda corre de cima a baixo, larga o bastante para Jamie empurrar o ferrolho e destrancá-lo. Lá dentro, Serena está deitada no meio do chão, vestindo um roupão gasto — o mesmo que usava quando Jamie era pequena. Ela abraça uma almofada velha e está enredada num tapete.

— Por que você me ensinou aquilo? — A voz de Serena, com o rosto colado ao chão, viaja tanto pelas tábuas quanto pelo ar. — Por que você ensinaria isso a alguém, em qualquer circunstância?

— Eu queria que fôssemos amigas. Nós duas já somos adultas agora, mais ou menos. Somos quase tudo o que resta uma à outra. E... achei que isso poderia fazer bem a você.

Jamie tenta acalmar Serena, mas só consegue deixá-la irritada — o que quase dá no mesmo.

— Você achou que isso me faria bem. — Serena se desenrosca do tapete e se levanta cambaleando, atirando a almofada para o lado. — Argh. Parece que chegamos à fase da inversão de papéis, em que você sabe o que é melhor para mim. Eu não estou pronta para ser a porra da sua dependente.

Sendo “porra”, claro, uma daquelas palavras que a gente usa o tempo todo sem pensar muito — até ouvi-la dita pela própria mãe, momento em que se transforma em um ouroboros de obscenidade.

— Não quero que você dependa de mim mais do que deseja — fala Jamie com cuidado. — Até alguns minutos atrás, eu achava que você era capaz de cuidar de si mesma.

Serena olha para o próprio roupão encardido e para a marca do corpo no tapete.

— Não transforme isso em algo sobre mim. — A aspereza na voz da mãe faz Jamie regredir na hora. De repente, ela é uma pirralha em apuros, olhando por cima do ombro para ver se Mae virá em seu socorro. Ela se sacode: Mae já se foi há muito tempo, Jamie está chegando à idade que Mae e Serena tinham quando ela nasceu, e Serena já não manda mais nela.

— Eu não ensinei nada a você — diz Jamie, com uma voz cuidadosamente controlada. — Ensinar implica estrutura, um plano de curso, provas, um corpo de conhecimento.

— Não sabia que sua área era a semântica. — Serena atravessa a pequena cozinha e começa a preparar chocolate quente, do mesmo jeito que fazia quando Jamie era criança — uma última cartada para infantilizá-la.

— Eu não ensinei, eu *mostrei*. Não consigo falar sobre isso sem me enrolar toda. Eu só queria compartilhar algo com você.

Algum anseio primitivo desperta em Jamie com o cheiro do chocolate quente sendo preparado. Só com uma lufada distante, ela consegue saborear o primeiro gole e o último.

— Quero que sejamos iguais — fala Jamie. — Nenhuma de nós precisa saber o que é melhor para a outra.

— Isso é apenas um estado intermediário — responde Serena, de costas para Jamie, mexendo o chocolate no leite. — Uma troca de guarda a caminho de você cuidar de mim como se eu fosse indefesa.

— Você se esqueceu do quanto é forte de verdade. — Jamie pega o chocolate quente e inala o vapor adocicado. — Eu nunca conseguiria mandar em você, mesmo que quisesse. Aqueles desgraçados acabaram com você, mas eu queria que você conseguisse se lembrar de si mesma.

— Você quer que sejamos iguais, mas também quer ser a pessoa que me lembra de quem eu sou.

— Isso não é nem de longe uma contradição. Amigos se lembram mutuamente de quem são.

Serena semicerra os olhos.

— E se eu não quiser ser sua amiga?

Jamie perde o controle da caneca, que despenca em direção ao piso de madeira gasto. Ela consegue agarrá-la, mas o chocolate quente vira uma poça. Seu coração bate como uma música eletrônica — talvez house —, o tipo de música que tocavam onde Ro a levava para dançar.

— Eu sou sua mãe. Não é para sermos “melhores amigas”. Não chegamos a frequentar juntas um grupo de estudos. Você saiu de dentro de mim e eu tentei lhe ensinar o que precisava saber, e agora é você que está *me* ensinando, e isso é horrível, e não consigo dormir, e tudo tem um cheiro estranho, e tem tralha que eu não reconheço espalhada por todo lado. Está tudo sujo.

Ah, merda.

Jamie não tinha sequer cogitado que a magia pudesse dar errado. Na sua experiência, ou ela funciona ou não funciona. Você tenta o suficiente e dá sorte. Agora, sente uma fisgada de culpa enquanto encara a poça de chocolate e o tapete amarrortado lado a lado no chão.

Ninguém se mexe para limpar. Jamie está vendo a mãe de um jeito novo: uma lésbica de sessenta anos cuja pele se estica demais sobre os ossos para que se formem rugas. Ela era perturbadoramente bonita na casa dos vinte (mais bonita do que Jamie jamais poderia aspirar a ser), com seus olhos cinza-gelo, o rosto pálido e anguloso e o sedoso cabelo castanho. Jamie conhecia as histórias — Serena incendiou a cena lésbica em algumas cidades, e havia fila para sair com ela muito depois de ter ganhado fama de partir corações. Jamie ainda consegue vislumbrar aquele glamour feroz através da sombra que o desespero lançou sobre ela.

Jamie não sabe o que dizer. Não pode perguntar a Serena o que deu errado, porque isso poderia piorar as coisas. É frustrante, para alguém que vive de nadar em palavras, ver-se numa situação em que as palavras são contraproducentes.

Por fim, ela diz:

— Mostre-me.

Serena hesita, depois conduz Jamie até sua porta da frente rachada.

Elas avançam pela floresta, seguindo um caminho diferente do anterior. Serena exibe um semblante carrancudo, e o braço bate contra a perna enquanto caminha. Sempre foi ótima em projetar raiva sem dizer uma palavra, mesmo quando, na maior parte do tempo, estava feliz.

Jamie continua achando que já chegaram ao lugar onde Serena fez seu trabalho, porém se engana a cada vez. Há uma banheira de pássaros apodrecida que Jamie até esperaria que uma novata

escolhesse, mas não. O mesmo vale para o canteiro decadente, cheio de ferramentas enferrujadas, que parece bastante promissor.

Na escola, Serena estava quase letárgica, mas aqui fora está cheia de energia, obstinada. Elas marcham até os pés de Jamie doerem, e só então chegam a um ponto que não parece nada demais. A mãe de Jamie aponta para umas marcas tênues nas agulhas de pinheiro e sussurra:

— Isto já foi uma estrada.

Neste momento, Jamie começa a suspeitar que a mãe tem mesmo um dom.

— Achei que devia encontrar o lugar mais solitário, ou melhor, o lugar que *parecesse* mais solitário — diz Serena.

Não é nem de longe como Jamie pensa a respeito, mas o jeito de Serena claramente funciona.

Assim que Serena localiza o ponto exato na estrada tomada pelo mato — onde, há muito tempo, alguém se deu ao enorme trabalho de limpar a vegetação —, ela afasta a samambaia para revelar o gorro favorito de Mae. A outra mãe de Jamie.

— Sinto falta dela.

Sobre o gorro repousa uma lasca de salmão defumado em decomposição, do tipo que vem em embalagens a vácuo.

Ao ver aquele gorro de lá, com a costura desbotada que dizia aquecedor de neurônios, Jamie sente tanta ternura que tem vontade de dar à mãe o primeiro abraço que alguém lhe daria em vários anos. Mas também fica horrorizada, enojada, furiosa — tomada por um impulso intenso de sair correndo, gritando e girando os braços.

Por que, em um milhão de anos, alguém deixaria o gorro de uma mulher morta na grama de uma estrada tomada pelo mato? O que Serena estava pedindo, afinal? Que Mae voltasse dos mortos? Alguma justiça há muito adiada pela morte dela? Outra coisa?

Não é possível fazer magia sem conseguir expressar com clareza o desejo mais profundo, sem hesitar, mas também sem ser ganancioso.

O que Serena achou que aconteceria?

E o que *aconteceu* de fato?

Jamie não consegue imaginar a resposta para nenhuma dessas perguntas.

Serena não quer nada dos vivos. É essa a mensagem inequívoca daquele gorro sujo. Nada de Jamie, nada dos Fordham, nada de Ying, de Spotty Dobbins ou de qualquer outro dos velhos amigos dela.

— Você tem que pedir algo que seja possível — sussurra Jamie, com um medo mortal de estragar tudo para as duas.

— Eu não sei o que é possível para mim.

Jamie pega o gorro, embora tenha certeza de que já seja tarde demais, e o dobra com cuidado antes de colocá-lo dentro da bolsa carteiro. Ela encara o rosto inexpressivo da mãe e procura algo para dizer.

Acaba optando pelo banal:

— Mae teria desejado que você continuasse vivendo.

Serena revira os olhos.

— Tá.

— Como assim, “tá”?

— Não parece um pedido simples? Eu poderia estar em coma, ligada a aparelhos, e isso já atenderia ao que você parece achar que a Mae teria desejado para mim.

— Estar viva e viver são duas coisas diferentes...

— Eu achei que tinha criado uma pessoa interessante. — Serena bufa e sai andando.

Jamie quase retruca, mas consegue ver a fragilidade por baixo da aspereza. Serena sempre teve um lado bem escroto, mas (quase) nunca insulta a própria filha. Ela ainda está claramente abalada e

ansiosa, embora agora esconda melhor. Então Jamie caminha em silêncio ao lado dela, imaginando que a mãe a Guiará de volta à escola. Talvez as duas possam tomar um chocolate quente, em vez de derramá-lo no chão, e encontrar uma forma de resolver aquilo.

Elas se perdem. Mas, desta vez, realmente se perdem.

Serena para e diz:

— Preciso me situar.

O céu fica escuro, e ela parece ainda mais desorientada. Ou sabia como encontrar a estrada tomada pelo mato, mas não como voltar, ou isso é consequência do feitiço fracassado — ou talvez Jamie tenha piorado as coisas ao tirar o chapéu. Estão em território desconhecido, nos dois sentidos.

Estão paradas na penumbra, enquanto Serena tenta se orientar.

Jamie transforma o celular em lanterna, concentrando toda a energia em não reclamar com a mãe. O GPS do telefone enlouquece, mas o sinal está ótimo, então ela manda uma mensagem para Ro: *perdida na floresta com minha mãe. gps pifou.*

Ro responde com um monte de emojis de coração e pergunta se é para ligar para a emergência. Jamie responde: *não, dane-se isso. só preciso de um senso claro de direção.*

Ro manda um link para um aplicativo de observação de estrelas. Um momento depois, Jamie já sabe onde fica o Sul. A bateria do celular está em 12%.

— Que horrível — gême Serena. — É sempre assim?

— Nunca é assim. — Um tom de irritação enfim escapa na voz de Jamie. — Literalmente nunca me aconteceu nada parecido.

Serena assente, com uma formalidade frágil:

— Obrigada por compartilhar isso comigo, mesmo que não tenha saído como você esperava.

Elas encontram a borda da floresta, a três quilômetros da escola.

— Sei que você tem se sentido solitária — diz Jamie para as costas da mãe. — Morando naquela escola sozinha, sem ninguém para conversar além dos Fordham.

Sem resposta. Passos pesados, passos pesados, passos pesados.

Jamie está pronta para parar de regredir quando está perto da mãe. O que deveria fazê-la erguer o punho para o céu, triunfante. Em vez disso, ela sente como se tivesse deixado escapar algo precioso. Essa mudança anda de mãos dadas com a inversão de papéis que Serena tanto teme, na qual Jamie começa a cuidar da mãe. Pelo menos Serena ainda tem o poder de deixar Jamie à beira de um ataque de nervos, como sempre.

— Eu também sinto falta de Mae — confessa Jamie.

Ela tem papelada para preencher, prometeu a Ro que limparia o banheiro e ainda há cinco episódios de *Real Housewives* que as duas não assistiram.

Mas ela não pode ir embora sem descobrir o que deu errado com o feitiço da mãe. Ou melhor, qual foi a consequência de ter dado errado — além de ter sido tão ruim a ponto de deixar Serena em posição fetal, abraçada a uma almofada com franjas de borla.

Elas voltam à escola arrastando os pés. Serena não quer deixar Jamie entrar de novo, nem para usar o banheiro.

— Você vai me julgar.

Jamie olha para a mãe, encolhida.

— Eu já entrei antes, quando cheguei.

— É diferente depois que escurece.

Jamie não discute, apenas passa por ela sem realmente empurrar Serena para o lado. Assim que tropeça para dentro da escola, engasga com um cheiro terrível. No começo não consegue identificar o fedor; tampouco consegue escapar dele. Chega a quase vomitar.

Que tipo de cheiro é esse? Enjoativo, podre, azedo, sujo. Agora Jamie sabe exatamente que cheiro é esse — ou melhor, que combinação de cheiros.

São as ataduras imundas de Mae, de quando ela começou a ter escaras. É a bile escura que vomitou nos últimos dias. É a fralda geriátrica. É o fedor do cadáver dela quando Jamie e Serena a encontraram naquele último dia, sem que nenhuma das duas conseguisse realmente estar presente em seus momentos finais. É o *stir-fry* queimado que ela fez quando tentava convencer a família de que ainda estava no controle e nada precisava mudar.

— Eu borrifei. Abri todas as janelas. Limpei e esfreguei cada centímetro.

Jamie olha para a mãe e pensa: *Imagine o que você poderia fazer se tentasse algo construtivo.*

Jamie não tem a menor ideia de como consertar aquilo. Ela sempre disse a si mesma que um bom feitiço é aquele que você nunca sabe ao certo se funcionou — mesmo que consiga exatamente o que pediu, pode muito bem ter sido coincidência.

Como se corrige um erro de categoria?

Elas já tiraram o gorro, mas Jamie duvida que só isso baste. Não consegue evitar pensar naquilo como um assombro, ou algum tipo de infestação, algo que precisa ser expurgado. Mas isso é a cultura pop falando por ela, não o seu entendimento real de magia e de como ela funciona.

Então... e agora???

Resolver essa bagunça vai exigir que Jamie pense sobre magia de forma mais profunda do que jamais pensou — mais profunda do que normalmente consideraria sensato, ou até sadio. Isso pode arruinar seu trabalho mágico para sempre.

Serena a encara. Como se não soubesse se está mais preocupada que a filha vá pensar mal dela ou que Jamie não consiga dar conta daquela confusão.

Certo... Serena pediu algo impossível, ou apenas algo que nunca examinou de verdade. O que recebeu foram todas as lembranças horríveis; Mae do jeito que as duas juraram que não se lembrariam dela. Mae no fim da linha.

Não a Mae plenamente viva, em todo o seu longo e glorioso auge. Sorrindo, cantando, fazendo contas de cabeça enquanto recitava um poema romântico. Transformando cada resto esquisito e nada apetitoso da geladeira em um *stir-fry* ou em um gratinado milagrosamente delicioso. Mae tinha sua própria espécie de magia.

As pessoas sempre dizem *cuidado com o que deseja*, como se alguém realmente escolhesse seus próprios desejos. Uma pessoa capaz de desejar com cuidado seria um monstro irremediável.

Se isso fosse um filme de terror, ou algum romance gótico, a chave seria aceitar que Mae se foi e que não vai voltar. Mas isso é ridículo: Jamie e Serena são adultas que vivem no mundo real e entendem perfeitamente a natureza da morte e da perda irreversível.

Não, o problema aqui é que Serena foi descuidada, porque Jamie a ensinou de forma descuidada. Jamie deveria ter supervisionado as primeiras tentativas da mãe com feitiços.

— O que você realmente quer da vida? — pergunta Jamie à mãe.

Serena se põe de quatro no chão e começa a esfregar.

— Quero que esse cheiro horrível vá embora.

— O que você quer que não seja só livrar-se de algo negativo? O que te faria feliz?

— Por que está me perguntando isso? Você é minha filha, não minha terapeuta.

— Estou tentando ajudá-la.

Como explicar sem dizer demais? Talvez seja isso. Talvez Jamie tenha que estragar a magia para si mesma para salvar Serena do erro

ao qual ela mesma a conduziu. Jamie não *sabe*, de fato, que a magia falharia se falasse sobre ela com demasiada liberdade; apenas sente isso, em algum órgão mais profundo e obscuro que o coração ou o estômago.

— A única maneira de consertar isso é querer algo novo — diz Jamie, devagar.

Serena ergue o olhar enquanto esfrega.

— Você sabe tão bem quanto eu que o que você fez com o gorro causou essa... — Jamie se esforça para encontrar a palavra certa — ... essa infestação.

Serena não tenta negar. Sempre foi pragmática, enquanto Mae era mais céтика — e sim, pragmatismo e ceticismo são opostos, como Jamie aprendeu de maneira difícil sempre que ouvia as duas discutirem. O pragmático topa qualquer coisa que funcione; já o cétilo quer que tudo faça sentido e que haja uma explicação razoável, mesmo que isso leve apenas a um processo frustrante de tentativa e erro.

— Você teve a chance de pedir algo ao universo — diz Jamie.

— Mas, em vez disso, preferiu registrar uma reclamação.

Serena se endireita, sentando-se. Aquele fedor está incomodando-a mais do que incomoda Jamie.

— Todo mundo chega a um ponto em que tem mais passado do que futuro. Algumas pessoas percebem quando isso acontece e, nesse momento, seus desejos mais queridos tendem a se tornar retrospectivos — explica Serena.

— Você ainda pode viver mais vinte...

— Não me ameace com longevidade.

— Só estou dizendo. Você tem um futuro. Igual a qualquer pessoa que não esteja prestes a morrer. — Jamie inspira fundo, e o cheiro do leito de morte de Mae a atinge.

Serena parece exausta, abatida pelo luto, envergonhada. Com medo de querer qualquer coisa nova depois do que aconteceu com a esposa e com a carreira.

— Certo, levante-se. — Jamie assume seu tom mais enérgico, de quem está falando com calouros.

— Onde é que a gente...?

— Vamos procurar outro lugar lá fora, e você vai colocar algo que seja voltado para o futuro e, de preferência, plausível.

— Já não sou boa em julgar o que é plausível.

— Apenas tente.

Por um momento, Jamie tem certeza de que Serena se recusará a segui-la de volta para lá fora. Mas Serena está desesperada o suficiente para pegar o casaco e sair pela porta batendo o pé.

Elas não voltam para a floresta. Jamie não está muito a fim de cair e quebrar o pescoço ou ser mordida por alguma coisa. Em vez disso, entram no buggy de trilha e seguem pelas estradas de terra secundárias, até encontrarem uma que se estreita num caminho, que elas percorrem só por alguns metros até descobrirem um altar improvisado no qual alguém trabalhou bastante antes de deixá-lo se desfazer. Velas cobertas de musgo, uma estatueta de porcelana, bilhetes manuscritos já ilegíveis.

— Perfeito. — Jamie se volta para a mãe. — Você tem alguma coisa?

— Acho que sim. Espero que sim. Deixe-me tentar.

Serena escreve algumas palavras num pedaço de papel e o enrola em volta de uma pequena caixa de papelão. Deixa esse pacotinho sob uma camada de musgo, no centro do altar arruinado, junto com um pouco de chocolate da bolsa de Jamie.

— Ah... obrigada e, por favor, espero que isso receba a sua... aprovação.

Nenhuma das duas fala durante o percurso esburacado e cheio de solavancos de volta à escola. Jamie já antecipa com desgosto o longo trajeto de retorno a Somerville.

Quando chegam à escola, o emaranhado de cheiros desapareceu. Resta um leve aroma de água sanitária com um toque de desodorizante, mas, fora isso, nada. Jamie abraça a mãe para desejar boa noite. Serena parece um punhado de gravetos. Ela boceja e deixa escapar um soluço abafado. Talvez agora consiga dormir. Jamie espera que sim.

Jamie não sabe o que o novo feitiço da mãe visava, e não quer saber. Mas era algo que ela queria muito, ou não teria sido suficiente para anular o pedido anterior.

Na manhã seguinte, Jamie decide: a mãe não deveria fazer mais trabalhos de magia sem a supervisão direta — ou talvez a ajuda — dela. Pelo menos até ter um pouco mais de controle.

Amostra



3

Ser eu a Autora agora é um daqueles profundos Segredos que só são conhecidos por todas as pessoas que conheço.

— Jane Collier, em carta a James Harris, 18 de março de 1753

Na manhã seguinte, Jamie saboreia um café feito na AeroPress à mesa de madeira perto da janela da frente do apartamento de um quarto sem elevador que divide com Ro. Ela não para de reviver o momento em que Serena lhe mostrou o gorro de Mae na estradinha, e alguma parte apodrecida dentro dela sente como se Mae tivesse acabado de morrer outra vez. Por mais café que ela tome, nada a aquecerá por dentro. Ro vê Jamie absorta e senta-se ao lado dela nessa mesa de madeira, que deveria se abrir para acomodar seis ou sete pessoas, mas está emperrada no modo para duas há pelo menos um ano.

— Você chegou tarde ontem à noite — comenta Ro, sorrindo.

Jamie tenta concordar com a cabeça e massagear a própria nuca ao mesmo tempo.

— Foi horrível.

— Sua mãe está bem?

— Mais ou menos.

Ro não se dá muito bem com Serena. Não é que reclame dela ou comece brigas, apenas mantém distância. Jamie já perguntou a ela sobre isso uma vez, e Ro respondeu que Serena era amarga demais, naquela sua maneira alegremente conformada. Ro acha que amargura alegre era o pior tipo; ela consegue lidar com gente que agita o punho para o céu ou que tem crises, mas não com Coragem Aparente. Ro cresceu em meio à elite protestante branca estadunidense, que reprimia e sublimava tudo, e por isso se tornou extremamente sensível aos alçapões e minas terrestres escondidas nos silêncios despreocupados. Jamie tentou explicar que Serena fora alguém que nunca tivera motivo para reclamar até ter a vida literalmente arruinada e que, ironicamente, era muito melhor em expressar raiva antes de simplesmente haver coisas demais para extravasar. Ro entende muito bem o desespero silencioso de Serena; só não gosta de estar por perto.

O apartamento de Jamie e Ro não é muito maior que a antiga escola de Serena, mas é aconchegante: pôsteres de shows, pinturas a óleo feitas por amigos e talismãs cobrem todas as paredes, exceto o espaço ocupado por uma fileira de estantes onde a maioria das pessoas colocaria uma TV de tela plana. Há três cadeiras de madeira entalhada com braços em forma de cabeça de gato e um sofá de veludo roxo. No minúsculo quarto há um edredom fofo e biombo *shoji* sobre rodinhas que podem ser movidos para mudar o formato do cômodo.

— Eu sabia que minha mãe ainda estava abalada por causa da Mae, mas não fazia ideia — diz Jamie, olhando pela janela para o desfile matinal de bicicletas na rua Russell, rumo à estação do

metrô da Davis Square. — Ela está simplesmente destruída. É toda uma cena.

— Sério? O amor da sua vida, a pessoa que ficou ao lado dela quando a carreira estava desmoronando, e você se surpreende que ela esteja um caco?

Ro escolheu o próprio nome por um motivo. Sempre se identificou muito com Ro Laren — uma personagem tão rebelde que *Star Trek* criou um derivado em torno dela e ela se recusou a aparecer. Ro tenta terminar um doutorado em economia há anos, tem uma risada estranha de gaivota irritada que só solta nos momentos mais impróprios, adora *square dancing* e *line dancing* porque passou os anos do ensino médio no sul dos Estados Unidos, e possui uma coleção interminável de camisetas nerds e suéteres adoravelmente bregas.

— Já se passaram mais de seis anos — diz Jamie. — Eu estava na faculdade quando Mae morreu, e agora já estou no doutorado (embora esteja travada na escrita da minha tese).

— Então ela já devia ter superado?

— Não, claro que não.

— Tem coisas que a gente não supera.

— Eu sei, eu sei.

Ro gostava muito de Mae, com que se encontrara algumas poucas vezes, quando Jamie e Ro começaram a namorar. Mae ensinou Ro a jogar cartas, elu ajudou a encher o comedouro de pássaros de Mae, e Mae deixou claro que Ro pertencia à família. Na época em que ainda havia uma família à qual elu pudesse pertencer.

— Eu conheço todos os clichês do luto — fala Jamie. — É um processo, dá trabalho, não tem prazo, é uma fera voraz que nunca para de roer você por dentro, ela se aproxima de mansinho... Esqueci de algum?

— Você sempre acha que estar hiperconsciente dos clichês é o mesmo que entender a experiência real por trás deles — diz Ro.

— Não é? Quando você tira os clichês, o que sobra é a verdade.

— Isso já funcionou *alguma vez*? Na sua experiência? Tipo, *alguma vez mesmo*?

— É só que... minha mãe não me deixa viver o luto com ela. Ela está passando por todo esse deserto emocional, mas não me permite fazer parte disso.

Ro sorri, porque Jamie finalmente está falando sobre o que realmente a incomoda.

— Já tentou dizer isso a ela?

— Não com todas as letras. Eu tentei ensinar para ela uma... técnica para lidar com o luto, mas meio que deu errado.

Jamie já pensou algumas vezes em contar a Ro sobre a magia. Mas sempre segurou a língua, porque sabia que magia, ao ser introduzida, desestabilizaria qualquer relacionamento, e ela precisa que este seja estável.

— Um clichê do luto que é absolutamente verdadeiro é que cada pessoa lida com ele à sua maneira — diz Ro. — Então, o que funciona para você pode não funcionar para ela. Eu apoio você em tentar dar um empurrão para que ela enfrente isso e consiga seguir com a vida, mas é ela quem decide como isso vai ser. Certo?

Toda vez que Jamie olha nos brilhantes olhos azuis de Ro, sente-se maravilhada, desorientada, eufórica. Uma sensação de alegria assustadora e familiaridade, como se *conhecesse* Ro muito, muito bem e nunca fosse conseguir levar numa boa tanta compreensão e uma proximidade de arrepiar a pele. Nunca vai ser algo do tipo “Ah, é só minhe parceire, sei lá”. É mais como “Uau, caramba, que incrível que eu ainda possa ficar com esta pessoa” — continua sendo de alguma forma uma surpresa estranhamente boa, mesmo sendo também algo confortável e familiar.

Jamie usou magia para fazer Ro reparar nela? Talvez. Difícil dizer.

Jamie beija Ro e pega a mochila, porque vai se atrasar para dar sua aula sobre Crise do Romance Inglês. Que, acredite ou não, é uma disciplina panorâmica, já que o romance inglês tem sido uma longa crise sem fim.



O buggy, apelidado de Berniece, serpenteia por ruas cobertas de folhas, passando por árvores de calçada cercadas por lascas de cedro. Os alto-falantes metálicos despejam Seinabó Sey no volume máximo, enquanto Jamie tenta espremer o cérebro até que ele assuma uma forma adequada para transmitir percepções literárias, ao mesmo tempo que se esforça ao máximo para evitar a Memorial Drive numa manhã de sexta-feira. O trajeto de Somerville a Allston varia de “irritante” a “esmagador de almas”, e nem mesmo a magia consegue ajudar muito.

O Portão das Demandas sempre surge quando se faz a curva na Western Ave., como se as lajes cinza-escuras e as asas de ferro forjado fossem um portal de fadas que só aparece para aqueles tocados pelo mundo feérico. (A imagem do Portão das Demandas foi inspirada em um verso transcendentalista de segunda categoria sobre ansiar por uma vida dedicada à mente, mas as pessoas começaram a chamá-lo de Portão dos Demandantes quando a faculdade Rugby decidiu processar empresas e moradores próximos.) Jamie vira à esquerda para encontrar uma das últimas vagas no estacionamento restrito, ajeita o passe no painel ao lado da estátua de coelho cor-de-rosa que balança e dispara para dentro do Tangram, o espaço verde em formato de raio no coração do campus, com a Biblioteca Banner em uma ponta e o prédio da

administração na outra. Ela segue direto para o único prédio bonito do campus, o Hirschfeld Hall (feito de pedras de um antigo castelo escocês que Roy Dylan, o industrial, mandou desmontar e enviar para os Estados Unidos antes que todos percebessem que não sabiam como remontá-lo; por isso, Dylan doou as pedras). O crachá de Jamie precisa ser encostado três vezes antes de a porta se destravar com um clique.

A orientadora do doutorado de Jamie a avista correndo para a sala de aula e avança em sua direção, as saias de linho esvoaçando. Ariella Zhang intercepta Jamie no corredor, fazendo perguntas constrangedoras sobre a situação da tese, mas com um olhar gentil no rosto redondo, emoldurado por cabelos grisalhos e selvagens.

— Talvez você possa passar no meu escritório depois da aula. — Jamie não consegue pensar em um motivo para dizer não.

E então Jamie está em um auditório cheio de alunos de graduação, rostos escondidos atrás de notebooks ou celulares. Ela estava tão animada com a oportunidade de contar a história de como a tecnologia e a sociedade moldaram o objeto mais milagroso de todos: o livro. Não há nada que ela ame mais do que ajudar as pessoas a entender por que contamos histórias longas da forma como as contamos — mas ela não estava preparada para a ansiedade, muito menos para a síndrome do impostor.

Passaram-se apenas algumas semanas desde o início do semestre, e Jamie já está formando um mapa mental do auditório, dividido em áreas amistosas, neutras e hostis. Em um extremo, há um punhado de estudantes queer e de diferentes origens étnicas que sempre parecem captar o que Jamie está transmitindo, como Rosie Ho e Thane Briggs; no outro... estão versões mais velhas dos caras que costumavam atormentá-la na escola. O pior deles é Gavin Michener, que parece o vilão de toda comédia adolescente dos anos 1980 (cabelos ondulados da cor de água de lavar louça, olhos azul-gelo miúdos, queixo de

caixa de correio). Gavin atrapalha a aula de hoje por vinte minutos com sua insistência de que romances epistolares são, por natureza, entediantes, porque qualquer pessoa que mantenha uma longa correspondência simplesmente não pode levar uma vida interessante. Tente escrever dez páginas de prosa rebuscada enquanto é perseguido por elefantes em disparada! Gavin é mestre em bombardear informações e desacreditar argumentos antecipadamente — decerto se tornará senador dos Estados Unidos.

Depois da aula, Jamie sai dali o mais rápido possível antes que alguém possa encurrá-la com mais perguntas — que se danem, ela tem horário de atendimento — e logo está sentada no escritório empoeirado e com cheiro de lavanda de Ariella Zhang, o sol atingindo seus olhos através das cortinas finas.

Ariella não oferece chá de ervas nem puxa conversa fiada; em vez disso, já começa perguntando onde diabos estão alguns capítulos. Com a boca seca, Jamie diz que encontrou um obstáculo, mas que em breve, muito em breve, Ariella estará afogada em páginas. Ariella parece genuinamente irritada, o pescoço retesado como um feixe de tendões — mas então Jamie percebe que o que está vendo é culpa. Ariella se sente responsável por ter encorajado Jamie a se enfiar num beco sem saída que talvez não renda nenhuma produção acadêmica relevante.

Na mesma época em que se apaixonou por Ro, Jamie também ficou encantada, completamente perdida de amores, por Sarah Fielding. E agora, talvez, esteja pagando o preço.

As pessoas falam sem parar sobre a “irmã de Shakespeare” — antigamente, houve até uma banda com esse nome —, mas o famoso romancista Henry Fielding realmente tinha uma irmã. E Sarah Fielding era *brilhante*: escreveu *The Adventures of David Simple*, um romance compassivo e sagaz sobre um homem em busca de um amigo verdadeiro, além disso, escreveu o primeiro

romance *young adult* em inglês, *The Governess*. Sarah Fielding basicamente inventou o romance YA como o conhecemos! (Bem, quase.) Jamie havia aprendido que Jane Austen fora a primeira romancista realmente relevante, mas Sarah Fielding foi uma entre muitas pioneiras que foram ao mesmo tempo influentes e imensamente populares.

Havia algo na escrita de Sarah que falava diretamente ao núcleo ferido de Jamie. Simplificando, Sarah Fielding era obcecada pelo confronto entre tirania e ajuda mútua. Por que as pessoas sentem tanto desejo de infligir sofrimento a quem tem menos poder do que elas, quando poderiam alcançar resultados melhores trabalhando juntas? Essa pergunta surge repetidas vezes em *David Simple*, cujo herói é quase arruinado pelo irmão enganador e depois parte em busca de um amigo verdadeiro, e acaba encontrando abusadores por toda parte. Repetidamente, os heróis de Sarah defendem uma filosofia de bondade e cooperação, deixando de lado a vaidade e a ganância — e, na maioria das vezes, acabam se decepcionando com as outras pessoas. Pouco se sabe sobre a vida de Sarah antes de publicar *David Simple* na casa dos trinta anos, mas seu pai era um canalha típico da Era Georgiana, e o prefácio da primeira edição de *David Simple* diz que, se o livro fosse bem-sucedido, seria a primeira boa sorte que a autora teria conhecido.

A companheira de vida de Sarah, Jane Collier, também explorou o tema da crueldade em *An Essay on the Art of Ingeniously Tormenting*, um manual satírico para qualquer um que queira hostilizar os mais fracos.

— Você precisa fazer mais do que repassar todo o trabalho que já foi feito nas últimas décadas sobre a escrita de mulheres do século XVIII — diz Ariella, balançando a cabeça com cansaço. — Eu só não quero ver você fracassar.

Já lancei tantos feitiços, Jamie gostaria de dizer. Em alguns dos lugares mais imundos e ignorados da Terra, concentrei todo o meu poder arcano para implorar por uma migalha de conhecimento.

Em vez disso, Jamie fala:

— Ainda acho que *Emily* pode ser algo.

Ariella franze os lábios finos.

— Estou começando a achar que *Emily* é um beco sem saída.

Certo. Então, *Emily* é um romance de 1749, que Lady Mary Wortley Montagu, parente distante de Sarah Fielding, atribuiu a Sarah na época (junto com *The Female Quixote*, que hoje todos sabem com certeza ser obra de Charlotte Lennox). Por décadas, estudiosos debateram a verdadeira autoria de *Emily*, com a maioria dos grandes nomes descartando Sarah de imediato. Mas Jamie tinha um pressentimento — o mesmo instinto que a guia até o lugar mágico perfeito — de que Lady Mary podia estar certa. Havia algo na busca de *Emily* por companhia que soava como um eco de *David Simple*, e o conto de fadas que Emily narra à sua criada lembrava *The Governess*. Acima de tudo, Jamie tinha certeza de que esse livro estava cheio de segredos — segredos destinados especificamente a ela —, embora não pudesse explicar o motivo sem parecer uma estudiosa medíocre.

— Juro que vou dar um jeito nisso — diz Jamie. — Só preciso de um pouco mais de tempo.

Ariella lança um olhar para sua própria mesa abarrotada, as sobrancelhas franzidas, como se tentasse descobrir o que poderia dizer sem ultrapassar o limite.

— Pode ser que não tenha tanto tempo quanto imagina.

Nem me fale. Depois do episódio em que a bolsa de Jamie foi temporariamente cortada, ela está bem ciente de que o financiamento do departamento de inglês pende por um fio. Hoje em dia, faculdades estão fechando departamentos inteiros ou encerrando atividades por completo, e os tomadores de decisão

veem a literatura inglesa como algo decorativo, mas sem valor nutritivo; como uma escultura de manteiga de Elvis.

No começo, Jamie teve que morder a parte interna da bochecha para não pensar em Ariella como uma figura materna, pois os cabelos prateados da professora e sua variedade de suéteres coloridos e echarpes de seda com estampa *paisley* a faziam parecer acolhedora e inspiradora. Mas, olhando para Ariella agora, Jamie não vê substituta de mãe alguma. Nenhuma de suas mães jamais foi tão confortável e, ao mesmo tempo, tão cúmplice de um sistema podre. Ariella deixou claro que gostaria de poder oferecer a Jamie o mundo que lhe foi oferecido quando tinha a idade dela — mas não pode, e não há nada que possa ser feito.

Ultimamente, Jamie observa outros doutorandos — almas talentosas e valentes — tentando entrar no mercado de trabalho e não recebendo nenhuma oferta. O doutorado parece a esteira rolante que aparece em *Toy Story 3*: Jamie consegue ver os brinquedos alguns metros à frente sendo despejados no incinerador. Sua única esperança é produzir uma tese tão de outro mundo que alguém a tire da esteira, limpe sua pelúcia falsa e a coloque em um lar amoroso, onde ela poderá fazer amizade com uma colher-garfo.



Jamie encontra um sanduíche com seu nome no fundo do frigobar da sala de convivência dos alunos. E agora, ela deveria seguir para o seu cantinho no Mercado dos Goblins, no subsolo da biblioteca, para continuar examinando a correspondência de Sarah Wescomb em busca de pistas sobre *Emily*. Em vez disso, ela entra em seu buggy e dirige até chegar a Wardmont, o subúrbio para onde sua família se mudou quando ela estava no fundamental